

> A filosofia da tradução de Vilém Flusser: o eu-múltiplo realizado em muitas pátrias¹

> Vilém Flusser's philosophy of translation: the I-multiple realized in many homelands

Alice Alonso

Mestre em Estudos da Linguagem, na área de Estudos da Tradução, na linha de pesquisa Estudos Linguísticos, Estudos da Tradução e Patrimônio Cultural, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem (POSLETRAS) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: alicezanonalonso@gmail.com. Orcid: 0000-0002-7826-2663.

Resumo

O filósofo Vilém Flusser compôs uma robusta obra transdisciplinar que possui como ponto central de interesse a ação comunicativa. Haja vista a vivência do exílio e o multilinguismo do autor, a prática da tradução dos próprios textos para as línguas portuguesa, alemã, inglesa e francesa fazem de Flusser um autor autotradutor multilíngue de interesse para os estudos da tradução. Nesse artigo, apresento uma relação entre o multilinguismo de Flusser, sua experiência de exílio e a construção de um *eu* que se realiza nas línguas e no espaço entre elas. Ao longo do texto, estabeleço relações com autores que, assim como Flusser, traduzem a si mesmos e refletem sobre o bilinguismo ou multilinguismo, o deslocamento, a língua e a escrita.

Palavras-chave: Autotradução. Exílio. Filosofia da tradução. Vilém Flusser.

Abstract

The philosopher Vilém Flusser created a robust transdisciplinary work whose central point of interest is the communicative act. Given his experience of exile and the author's multilingualism, the practice of translating his own texts into Portuguese, German, English and French make Flusser a multilingual self-translating author of interest for translation studies. In this article, I present a relationship between Flusser's multilingualism, his experience of exile and the construction of an *I* that takes place in languages and in the space between them. Throughout the text, I establish relationships with authors who, like Flusser, translate themselves and reflect on bilingualism or multilingualism, displacement, language and writing.

Keywords: Self-translation. Exile. Philosophy of translation. Vilém Flusser.

> Artigo recebido em 30.07.2024 e aceito em 11.02.2025.

¹ Este artigo é resultado de uma pesquisa feita através do programa institucional de bolsas da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

1 Pensamento multifacetado: o multilinguismo de Flusser

Em uma entrevista cedida ao filósofo Hans Joachim Lenger em Hamburgo no ano de 1990, Vilém Flusser (1920-1991) resumiu numa frase qual foi seu interesse ao longo de toda a vida: “Talvez tudo o que faça seja uma tentativa de elaborar uma teoria da tradução. Mas não vou viver o suficiente para fazer isso”².

O filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser é internacionalmente reconhecido pelas obras dedicadas à teoria dos meios de comunicação, especialmente, pelo livro *Filosofia da caixa preta* (1983), traduzido para mais de vinte línguas. Além da sua atual relevância para autores contemporâneos como Byung-Chul Han³, nos campos do desenvolvimento tecnológico humano, da computação e da inteligência artificial, Flusser possui um extenso corpo de trabalho que forma um prisma de uma filosofia da língua, da escrita, dos meios de comunicação, dos gestos, da ecologia e da história. Executor de uma obra tematicamente diversa e transdisciplinar, os ensaios de Flusser são “marcados por incompletude e atravessamento de fronteiras”⁴.

A tradução teve enorme importância na vida e no trabalho do filósofo, que traduzia os próprios textos para o português, inglês, alemão e francês. Nascido na antiga Tchecoslováquia e criado em um ambiente bilíngue, cuja língua doméstica era a tcheca e a língua do trabalho e da escola era a alemã, Flusser aprendeu a ler latim e grego na escola e iniciou os estudos em espanhol, os quais precisou interromper ao fugir de Praga após a invasão nazista. Forçado a deixar o país no qual sua família viveu ao longo de várias gerações, Vilém Flusser emigrou para a Inglaterra, onde desenvolveu seu conhecimento do inglês durante os dois anos em que esteve aguardando um visto para o Brasil. Ao chegar em São Paulo, o filósofo começou a aprender o português e após duas décadas iniciou sua carreira como escritor publicado. Segundo Finger, Guldin e Bernardo, a tradução para Flusser é simultaneamente “um conceito filosófico, uma ferramenta crítica, uma arte e um fazer da escrita, é uma metáfora para uma existência nômade entre

² “Perhaps everything I do is an attempt to elaborate a theory of translation. But I am not going to live long enough to do that”. Vilém Flusser, 1990 *apud* Anke Finger, Rainer Guldin e Gustavo Bernardo, *Vilém Flusser: an introduction*, 2011, p. 45. Tradução minha.

³ HAN, Byung-Chul. *Hiperculturalidade: Cultura e globalização*. Tradução: Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019; HAN, Byung-Chul. *No enxame: perspectivas no digital*. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

⁴ “Flusser’s entire oeuvre mirrors such fragmentation: his biography, his books, and his essays are marked by incompleteness and border crossings”. *Ibidem*, p. 17. Tradução minha.

culturas e continentes. A tradução serve para ele como um jeito específico de pensar, escrever e viver”⁵.

Uma das maiores contribuições de Vilém Flusser para a filosofia brasileira foi o livro publicado em 1963, *Língua e realidade*. A fim de representar o Brasil internacionalmente no âmbito da filosofia da linguagem, ele escreveu o livro em português também com o objetivo de se inserir na conversação intelectual do país que o havia acolhido.⁶ Ao debutar a carreira como filósofo escritor em língua portuguesa, Flusser se via traduzindo seu pensamento em língua materna para a língua do país no qual se tornava cidadão a partir de práticas de integração na cultura. A tradução de si era “um meio necessário através do qual [seu] o conhecimento [seria] testado, recontextualizado, submetido a um escrutínio crítico”⁷.

De maneira provocativa, introduzindo sua voz na literatura filosófica brasileira para falar a partir de seu lugar como estrangeiro poliglota exilado, em *Língua e realidade* (1963), Vilém Flusser defendeu uma tese sobre a língua na qual a língua *é, forma, cria e propaga* a realidade. Ele entendia a língua portuguesa do Brasil, por sua vez, como *realidade brasileira* ou *pensamento da pessoa que vive em um contexto de Brasil*, e o mesmo para a língua alemã e a “realidade” que se construía a partir dela, que, na perspectiva do autor, estava “contaminada pelas experiências com o nazismo”⁸. Krause escreve no prefácio de *Língua e realidade* (1963) que foram três as motivações de Flusser para a escrita do livro: contribuir para a escrita de uma filosofia brasileira integrada à língua portuguesa brasileira; lidar com o desespero que lhe causou a leitura de Wittgenstein e; lidar com a inquietação que lhe causava a fluidez da realidade (o que não parecia ser contemplado pela rigidez dos sistemas ontológicos fornecidos pela tradição filosófica).⁹ O atravessamento de fronteiras reais vivenciado pelo filósofo possibilitou que ele estivesse em um lugar estratégico para compreender o atravessamento simbólico das fronteiras das línguas no processo tradutório.

⁵ “Translation is in many respects of major importance in Flusser’s life and work: it is at the same time a philosophical concept, a critical tool and creative principle, an art and craft of writing, and a metaphor for a nomadic existence between cultures and continents. Translation serves a specific way of thinking, writing, and living”. *Ibidem*, p. 45. Tradução minha.

⁶ Vilém Flusser, *Retradução enquanto método de trabalho*, 1970, p. 1.

⁷ “a necessary means through which knowledge is tested, recontextualized, submitted to critical scrutiny”. Rita Wilson, *Parallel creations: Between self-translation and translation of the self*, 2012, p. 52.

⁸ Vilém Flusser, *Op. Cit.*, 1970, p. 2.

⁹ Gustavo Krause, Prefácio, In: Vilém Flusser. *Língua e realidade*, 2007, p. 15-16.

Seligmann-Silva conta que em “Pontificar” (1990), Flusser compara a tradução à construção de pontes¹⁰ e que, nessa metáfora, os tradutores-pontífices deveriam construir pontes não apenas entre línguas, mas também entre o discurso verbal e o imagético, entre a música e as demais linguagens. Ao traduzir, o tradutor-pontífice estaria saltando entre universos, evocando, assim, o sentido etimológico da palavra *traduzir*, que carrega a imagem de um traslado, de algo sendo levado de um lugar para outro. Para Flusser, ser judeu significava encarnar a tarefa pontifical de oscilar e transitar entre os universos. Já que lhe faltava um chão no qual se firmar, como judeu da diáspora, ele se via diante da possibilidade de ser nômade entre línguas e linguagens.

Em suma, sou *heimatlos*, porque muitíssimas pátrias [*Heimaten*] se armazenam em mim. Isto se manifesta diariamente no meu trabalho. Eu sou apatrizado [*beheimatet*] em pelo menos quatro línguas e me vejo exortado e obrigado a traduzir e retrotraduzir tudo a-escrever [*Zu-Schreibend*].¹¹

Vilém Flusser viveu por 20 anos no Brasil e depois retornou à Europa, vivendo primeiro na Itália, depois na França e na Alemanha. O exílio de Flusser o levou à criação do conceito de *Heimatlosigkeit* (apatricidade): por não possuir uma pátria, ele compreendia que nele se armazenavam muitas pátrias. Essa transcendência e desapego da pátria única, à qual o sujeito pertence, demonstra o quão radicalmente o filósofo vivenciou a experiência de exílio, sua integração em novas culturas e novas línguas, o que Mukherjee chamaria de “ir até o fim na transformação”¹² no processo de integração do migrante.

Martins afirma que o estado de ser sem raízes de Flusser, a *Bodenlosigkeit*, como o filósofo cunhou, é uma sobreposição de muitas pátrias diferentes.¹³ Essa forma de ser possui marcas carregadas de tensão que são parcialmente resolvidas por um processo constante de tradução e retradução enquanto construção de pontes de entendimento. Ela compara o exílio linguístico de Flusser ao de Jacques Derrida, em *O monolinguismo do outro* (1996), que também foi um exilado linguístico em errância identitária: “minha língua, a única que ouço falar e que me ouço a falar, é a língua do outro”¹⁴. Para Derrida, era impossível ter propriedade de uma língua, e por isso a *apatricidade sem raízes* de Derrida e

¹⁰ Márcio Seligmann-Silva, *Vilém Flusser: entre a tradução como criação de si e a pós-tradução*, 2014, p. 224.

¹¹ Vilém Flusser, 1992, p. 247 *apud Ibidem*, p. 225.

¹² “For my purpose here, ‘immigration’ refers to the act of adopting new citizenship, of going the full nine yards of transformation”. Bharati Mukherjee, *Imagining homelands*, 2000, p. 71. Tradução minha.

¹³ Cláudia Martins, *Vilém Flusser: a tradução como superação de fronteiras*, 2017, p. 64.

¹⁴ Jacques Derrida, 1996, p. 47 *apud Ibidem*, p. 64.

Flusser colocava-os em um ponto de atravessamento estratégico para refletir sobre as questões relativas à tradução.

No salto entre universos do tradutor-pontífice, Flusser alerta para um momento de aniquilamento: ao sair de um lugar e se materializar em outro, o tradutor desaparece. No texto “Da tradução e da morte”, publicado no *Suplemento Literário* do Estado de São Paulo em 26 de maio de 1962, Flusser descreve o processo tradutório como um processo de desaparecimento do eu: “Mas quem sou eu durante esse processo quando me traduzo, quando eu me traslado para outra língua, quando eu salto e me decomponho para recompor na margem da outra língua?”¹⁵. Martins percebe que na teoria da tradução de Flusser há um aceno ao existencialismo: no momento da passagem de uma língua à outra, “toda tradução é um aniquilamento”, “uma miniatura de morte”¹⁶. A prática da tradução para Flusser era compreendida como um auto-desvanecimento do intelecto a fim de superar os horizontes da língua:

[...] a possibilidade da tradução é uma das poucas possibilidades, talvez a única praticável, de o intelecto superar os horizontes da língua. Durante este processo, ele se aniquila provisoriamente. Evapora-se ao deixar o território da língua original, para condensar-se de novo ao alcançar a língua da tradução.¹⁷

No processo de evaporação e condensação do intelecto, ocorre uma abertura ao outro, ao novo. Não vemos nem ouvimos o que acontece, já que a transformação acontece durante um processo de desaparecimento, mas sabemos que ocorre ali uma transformação completa. Charles Simic, que emigrou da Sérvia para os Estados Unidos em 1945, recorda que o nome dado aos imigrantes naquele momento era “pessoas deslocadas”¹⁸. Para essas pessoas movidas de seus locais de origem, perguntava-se: quem é você?¹⁹ A resposta era dada na língua do país de realocação, com sotaque.

Gloria Anzaldúa, em “Como domar uma língua selvagem”, dedica um tópico do texto à mesma pergunta: “*Si le preguntas a mi mamá, ‘¿Qué eres?’*”. Para responder quem são, os *chicanos* falam de uma identidade racial, e não de

¹⁵ Vilém Flusser, *Da tradução e da morte*, 1962, p. 1.

¹⁶ Cláudia Martins, *Op. Cit.*, 2017, p. 59-60.

¹⁷ Vilém Flusser, *Língua e realidade*, 1963, p. 50.

¹⁸ “‘Displaced persons’ is the name they had for us back in 1945, and that’s what we truly were”. Charles Simic, *Refugees*, 2000, p. 119. Tradução minha.

¹⁹ “Who needed a shrink or a guru when everyone we met asked us who we were the moment we opened our mouths and they heard the accent?”. *Ibidem*, p. 124.

uma identidade nacional.²⁰ Mas isso varia de acordo com o teor do encontro com o outro estadunidense:

Referimo-nos a nós mesmo como grupo linguístico (espanhóis) quando nos intimidamos. Como uma cultura, nos chamamos espanhóis, quando nos referimos a nós mesmos como um grupo linguístico e quando nos intimidamos. É então que esquecemos nossos genes indígenas predominantes. Nós somos 70% ou 80% indígenas. Nós nos chamamos hispânicos ou hispano-americanos ou latino-americanos ou latinos quando nos ligamos a outros povos falantes do espanhol do hemisfério ocidental e quando nos intimidamos. Nos chamamos mexicano-americanos para dizer que não somos nem mexicanos nem americanos, mas mais o nome “americano” do que o adjetivo “mexicano” (e quando nos intimidamos).²¹

Questionado acerca de sua identidade, quem imigra deve responder à pergunta “quem é você?”, e a resposta pode variar de acordo com a situação da pergunta, como coloca Anzaldúa, ou com o ponto de referência para “quem se é” e “quem se foi”, no traslado do tradutor-pontífice. Em “Pilpul” (1982), texto no qual Vilém Flusser reflete sobre como construía a própria lógica argumentativa e a relacionava à técnica de análise textual do Talmude, ele escreve que “o estudo do Talmude se dá em contexto cultural tão exótico para mim quanto o é o contexto cultural dos Xavantes”²². Ou seja, Flusser se via tão judeu quanto brasileiro, e tão não brasileiro quanto não judeu. Pertencimento e não-pertencimento eram equidistantes.

O *eu* pós migração, que hesita ao responder à pergunta “quem é você?”, reconhece que a resposta em uma língua estrangeira indica uma perda. Said cita Adorno para explicar o que deixa de existir do *eu* quando ele salta de uma margem à outra do limite entre países:

A vida passada dos emigrados está, como sabemos, cancelada. Antes era o mandado de prisão, hoje é a experiência intelectual, que é declarada intransferível e não-naturalizável. Tudo o que não é reificado, não pode ser contado e medido, deixa de existir. Não satisfeita com isto, porém, a reificação espalha-se para o seu próprio oposto, a vida que não pode ser diretamente efetivada; qualquer coisa que viva apenas como pensamento e lembrança. Para isso foi inventada uma rubrica especial. Chama-se “histórico” e aparece no questionário como apêndice, depois de sexo, idade, profissão. Para completar a sua violação, a vida é arrastada num automóvel triunfal dos estatísticos unidos, e mesmo o passado já não está

²⁰ “Entre nós, não dizemos *nosotros los americanos*, ou *nosotros los españoles*, ou *nosotros los hispanicos*. Dizemos *nosotros los mexicanos* (por mexicanos não queremos dizer “cidadãos do México”; não estamos falando de uma identidade nacional, mas sim racial). Nós distinguimos entre *mexicanos del otro lado* e *mexicanos de este lado*. No fundo dos nossos corações, a gente acredita que ser mexicano não tem nada a ver com o país em que a gente vive. Ser mexicano é um estado da alma – não da mente, nem da cidadania. Nem águia nem serpente, mas as duas. E como o oceano, nenhum animal respeita fronteiras”. Gloria Anzaldúa, *Como domar uma língua selvagem*, 2009, p. 315.

²¹ *Ibidem*, p. 315-316.

²² Vilém Flusser, *Pilpul*, 1982, p. 2.

a salvo do presente, cuja recordação dele o remete uma segunda vez ao esquecimento.²³

Sexo, idade, profissão, religião. Em “Problemas linguísticos do judeu no Brasil”, escrito para a revista *Crônica Israelita*, Vilém Flusser convoca outros imigrantes judeus no Brasil a se engajarem na vida do país. Para que participassem da mesma “realidade”, eles deveriam participar de uma mesma comunidade linguística. Como exposto na tese do primeiro livro publicado pelo filósofo, *Língua e realidade* (1963), o engajamento na realidade partiria da língua.

A nossa participação da conversação que representa uma comunidade linguística é portanto anterior a qualquer outra comunidade à qual porventura pertencamos. Um indivíduo pode não ter família, religião, nacionalidade ou estado social, pode ser um “outsider” em todos esses sentidos, mas para ser um indivíduo humano é preciso que participe de uma comunidade linguística. Este “engagement” linguístico é primordial de um ponto de vista epistemológico, (sem ele o indivíduo não conhece nada), e de um ponto de vista ontológico, (sem ele o indivíduo não é).²⁴

Para que o exilado ou migrante participe da conversação da nova comunidade onde se encontra, é necessário usar uma língua diferente da língua mãe: ali, ele precisa traduzir a si mesmo. E autotraduzir-se é alargar a resposta à pergunta “quem é você?”, já que dizer *eu sou* não é exatamente a mesma coisa que dizer *I am* ou *je suis*. Como é possível pensar a tradução de si por meio das línguas? Como pode o eu evaporar e condensar-se? A língua não é um sistema fechado: “existe a possibilidade da tradução e há indivíduos políglotas”²⁵. O abismo entre línguas é criador, para além de aniquilador: o outro *eu* (o *I* ou o *je*) é parte de um processo criativo.

Martins compreende que a tradução não significa a possibilidade de se dizer a mesma coisa em duas línguas diferentes. Ela cita Vilém Flusser:

Flusser (1963, p. 44-45) diz que a resposta clássica para a pergunta a respeito da possibilidade da tradução seria que “existe um conjunto chamado ‘língua portuguesa’, outro conjunto chamado ‘língua inglesa’ e um terceiro conjunto chamado ‘realidade dos dados brutos’”, e que os dois

²³ “The past life of émigrés is, as we know, annulled. Earlier it was the warrant of arrest, today it is intellectual experience, that is declared non-transferable and unnaturalizable. Anything that is not reified, cannot be counted and measured, ceases to exist. Not satisfied with this, however, reification spreads to its own opposite, the life that cannot be directly actualized; anything that lives on merely as thought and recollection. For this a special rubric has been invented. It is called “background” and it appears on the questionnaire as an appendix, after sex, age, profession. To complete its violation, life is dragged along one triumphal automobile of the united statisticians, and even the past is no longer safe from the present, whose remembrance of it consigns it a second time to oblivion”. Theodor Adorno, 1974, p. 46-47 *apud* Edward Said, *No reconciliation allowed*, 2000, p. 109. Tradução minha.

²⁴ Vilém Flusser, *Problemas linguísticos do judeu no Brasil*, sem data, p. 2.

²⁵ Cláudia Martins, *Op. Cit.*, 2017, p. 59.

primeiros conjuntos consistiriam em “símbolos significando os dados do terceiro conjunto”.²⁶

A traduzibilidade, para Flusser, era uma capacidade prevista na programação dos sistemas linguísticos. Se há um conjunto chamado *língua portuguesa* e outro chamado *língua inglesa*, e as palavras estão hierarquicamente organizadas em ambos e são governadas por regras de combinação de palavras, haverá similaridade entre as hierarquias e as regras dos dois conjuntos. Se a hierarquia e as regras que estipulam a formação das palavras e frases no processo tradutório forem semelhantes nas línguas do processo, a tradução é possível, de maneira não absoluta. A tradução, em princípio, é realizável somente graças ao parentesco ontológico (não ao etimológico) de certas línguas. Assim, os estados de *ser*, *being* e *être* precisariam ser ontologicamente paralelos para que o processo de *ser* fosse traduzível entre as três línguas.

2 Língua, a realização do eu

Uma das inquietações que disparavam as investigações filosóficas de Vilém Flusser era a traduzibilidade: “por isso, assumo todo assunto em função da sua traduzibilidade”²⁷. Era a tensão entre as línguas nas quais o filósofo pensava que dava forma ao seu pensamento e ao mundo como ele o compreendia, que o convidava a “procurar sintetizar as contradições entre elas [as línguas]”²⁸. Observando a relação indissociável entre a língua e o ser, ele afirmava que dar palavras às coisas não era apenas uma empresa de ordem epistemológica, mas principalmente uma empresa existencial, parte da busca pelo conhecimento sobre estar no mundo.

Essa era também a importância filosófica da tradução, já que traduzir era participar da conversação, e, para Vilém Flusser, a filosofia tem como tema a própria conversação. O filósofo considerava a tradução como “o problema central da filosofia”²⁹, uma vez que a superposição de diferentes sistemas simbólicos que compõem as línguas, dos limites que os encerram cada um neles mesmos e os abismos que os separam, demonstrava que a comunicação pode acontecer mediante fronteiras muitas vezes porosas.

²⁶ Cláudia Martins, *Ibidem*, p. 57.

²⁷ Vilém Flusser, *Op. Cit.*, 1970, p. 2.

²⁸ *Ibidem*, p. 2.

²⁹ Vilém Flusser *apud* Cláudia Martins, *Op. Cit.*, 2017, p. 61.

O efeito da língua na construção da realidade do *eu* é uma das premissas de *Língua e realidade* (1963). O filósofo percebe o *eu* como uma árvore ancorada na realidade, cujo tronco é o intelecto, que transporta a seiva que vem das raízes (sentidos) e chega ao tronco em forma de palavras. Nesta metáfora, a copa é o espírito, onde o intelecto coletado se transforma em folhas, flores e frutos. O intelecto, que tanto consiste de palavras como as compreende, modifica, reorganiza, e as transporta ao espírito, é produto e produtor da língua, uma vez que *pensa*. É o intelecto que reconhece a diferença entre palavra e dado bruto (que é o silêncio anterior à palavra, contendo-a).

Os sentidos, por sua vez, servem aos dados brutos e reagem a eles fisiologicamente, como quando reagimos a um estímulo físico. É após a criança aprender palavras para dar sentido à experiência que ela forma o intelecto. Nesse momento, “as palavras apreendidas começam a formar uma superestrutura sobre os sentidos e começa a surgir um Eu no sentido estrito”³⁰.

Para Flusser, o desenvolvimento do intelecto se dá quando a pessoa recebe informações dos sentidos, palavras e dados brutos. Se o ser humano apreende as palavras, traduz os dados brutos em palavras, reagrupa-os e as compreende, os pensamentos/frases são expelidos, expressos pelo intelecto na direção dos sentidos. O pensamento se torna fenômeno e o intelecto, agora, articula. Participando da conversação, o intelecto se “realiza”, torna-se real.

A realização do eu através da língua foi elaborado por Vilém Flusser em sua teoria da linguagem, seus textos sobre a prática da tradução e em poesia. Manuscrito, na última página do texto não publicado “Da tradução: alguns problemas”, Flusser deixou um rastro da busca pelo *eu* diaspórico:

³⁰ Vilém Flusser, *Op. Cit.*, 1963, p. 66.

"I GO" PARA "VOU"
 PELO MUNDO QUE NÃO SOU
 I GO AN ENGLISHMAN
 PORTANTO BRASILEIRO NÃO VOU
 SE VOU, VOU VERDE, AMARELO
 GOD SAVE THE QUEEN,
 AZUL, VERMELHO E BRANCO NÃO SOU.
 I VOU, NÃO É EU, NÃO SOU I
 QUEM VAI É VOU SE OÍNDO JAI?
 EU GO, É EU E SÓ EU
 GOES I E NÃO EU
 EU GO VOU I
 DESOULPE EU VOU, BUT SOMETIMES I GO
 ICH, EU, I, MOI
 AVEC BEAUCOUP DE PLAISIR
 ENCANTADO, CHARMED
 ENTSCHULDIGEN SIE
 GRAU, TEURER FREUND, IST ALE THEORIE,
 UND GRÜN DES LEBENS GOLDNER BAUM
 !!! ??? what!? como!? quai!?
NIGHTS

Noni 1995

Figura 1

Vilém Flusser, Poema manuscrito encontrado na versão datilografada de "Da tradução: alguns problemas", sem data.

Em "Da tradução: alguns problemas", Flusser apresenta a diferença entre "I go" e "vou" como um estudo de caso para apontar as incongruências entre sistemas linguísticos que emergem no processo de tradução:

O que acontece quando traduzo a frase "Vou" por "I go"? Este é um problema que peço ao leitor para considerar comigo. Antes de tentar

uma resposta, é necessário formular outra pergunta, anterior e subordinada à primeira. Por que traduzo "Vou" por "*I go*"? A premissa que me autoriza a fazê-lo é, em linhas gerais, a seguinte: Existe um conjunto chamado "língua portuguesa", outro conjunto chamado "língua inglesa", e um terceiro conjunto chamado "realidade". Os primeiros dois conjuntos consistem de palavras que são símbolos dos fatos que compõem o terceiro conjunto. A cada fato real corresponde, portanto, uma palavra portuguesa e uma inglesa. Cada palavra portuguesa significa um fato real, e existe uma palavra inglesa correspondente que significa o mesmo fato. A palavra "Vou" e a palavra "*I go*" significam o mesmo fato real, portanto posso traduzir de uma para a outra.³¹

Os exemplos utilizados por Vilém Flusser evidenciam uma formulação teórico-literária da situação do exilado/imigrante, aquele que vai embora. Em textos diferentes³², o paralelo entre "*I go*" e "vou" é um dos exemplos mais utilizados por ele para analisar a traduzibilidade e intraduzibilidade entre línguas. Flusser evidencia a presença do sujeito "*I*", necessário na enunciação em inglês (*I go*) e desnecessário no português (vou), e, como problema de traduzibilidade, faz um paralelo com a possibilidade de utilizar o "vou" em sentenças como "vou escrever", impossível em "*I go write*". Em "Da tradução: alguns problemas", ele continua:

Consideremos, agora, a afirmativa de que a cada fato real corresponde uma palavra portuguesa e outra inglesa. Ao fato real "Vou", por exemplo, corresponde a palavra inglesa "*I go*". Entretanto, se amplio a frase e digo "Vou escrever", de repente a palavra inglesa "*I go*" não mais corresponde com o fato, cujo significado está expresso pela frase portuguesa ampliada. Não adianta ampliar a frase inglesa. "*I go write*" não significa o mesmo fato, se é que significa algo. Somos forçados a concluir que a palavra "Vou" e a palavra "*I go*" nunca significaram o mesmo fato real, mas, nos melhores dos casos, fatos semelhantes. Que, portanto, a nossa tradução era somente aproximada.³³

Um exemplo tão reiterante suscita a questão: por que essa frase? Por que o verbo "ir"? No poema manuscrito na última página do texto datilografado "Da tradução: alguns problemas"³⁴, o filósofo nos permite compreender um pouco melhor o motivo da escolha do exemplo: "*I go*" para 'vou' / pelo mundo que não sou / *I go an Englishman* / portanto brasileiro não vou / se vou, vou verde, amarelo / *God save the queen* / azul, vermelho e branco não sou (...)" . Esse excerto nos fornece pistas sobre a visão de Flusser sobre as relações entre multilinguismo, cultura e nacionalidade, e também sobre a implicação do desaparecimento do *eu* no momento da tradução e da tradução de si. Esse desaparecimento, o aniquilamento do tradutor-pontífice na passagem de uma língua para outra, é simbolicamente alcançado pelo processo de tradução. Só um deles pode ir: Eu ou *I*. Um Vilém Flusser permanece em uma das margens de um

³¹ Vilém Flusser, *Da tradução: alguns problemas*, sem data, p. 2.

³² Cf. Vilém Flusser, *Língua e realidade*, 1963. Vilém Flusser, "Problemas da tradução", sem data.

³³ Vilém Flusser, *Op. Cit.*, sem data, p. 2.

³⁴ Digitalizado pela *Flusser Brasil*, domínio retirado da internet em 2023.

país deixado para trás. Finger, Guldin e Bernardo demonstram o quão próximos estão a busca e a perda do *eu* ao processo de autotradução flusseriano.

No entanto, Flusser vê uma maneira de conseguir isso [superar a morte] num nível simbólico, isto é, através da tradução. “Na verdade, quando me traduzo, a continuidade do *eu* é abruptamente interrompida.” [...] Flusser interpreta essa decomposição do eu como uma forma simbólica de morte. “Estudando tradução, então, posso aprender algo sobre a morte, mesmo que apenas metaforicamente”.³⁵

Eva Hoffman escreve que uma das primeiras lições do seu desenraizamento da Polônia em que nasceu foi compreender a importância da língua e da cultura. Para ela, os elementos do discurso familiar e do ambiente social no qual nascemos nos formam de maneira tão íntima e inconsciente que, na passagem de um país para outro, da língua materna para uma outra, faz-se uma momentânea escuridão inarticulada. Quando Hoffman, cuja língua materna era polonês, chegou ao Canadá sem saber falar e compreender a língua inglesa, ela se percebeu sem língua. No vazio da ausência de palavras justas para se expressar, ela concluiu que “a nossa existência interna, nossa noção de nós mesmos, depende de que tenhamos uma fala viva dentro de nós”³⁶.

Hoffman afirma que embora ela entendesse que as culturas se diferenciam nos costumes, na comida e nos arranjos sociais e religiosos, ela levou algum tempo para compreender que “cada cultura possui valores subliminares, predisposições e crenças que informam nossas suposições e percepções, nosso senso de beleza, por exemplo, ou as distâncias aceitáveis entre pessoas ou noções de prazer ou dor”³⁷. Empenhando-se para utilizar a palavra do outro de maneira significativa, integrando-se ao novo contexto linguístico-cultural, ficou evidente para Hoffman que a cultura “se inscreve na psique, e dá forma e foco para as nossas vidas mentais e emocionais”³⁸. Entre a Polônia e o Canadá, no tempo da língua ainda não formada, da não-participação na cultura, a autora observou que do lado de fora da cultura mal poderíamos “adquirir uma identidade humana, da mesma maneira como mal poderíamos pensar ou perceber nada do lado de fora da língua”³⁹. Deleuze e Guattari expandem essa observação ao recobrar a função

³⁵ “Yet Flusser sees a way to achieve this on a symbolical level, that is, through translation”. Anke Finger, Rainer Guldin e Gustavo Bernardo., *Op. Cit.*, 2011, p. 58-59. Tradução minha.

³⁶ “I understood how much our inner existence, our sense of self, depends on having a living speech within us”. Eva Hoffman, *The new nomads*, 2000, p. 48. Tradução minha.

³⁷ “each culture has subliminal values, predispositions, and beliefs that inform our most intimate assumptions and perceptions, our sense of beauty, for example, or of acceptable distances between people or notions of pleasure and pain”. *Ibidem*, p. 49. Tradução minha.

³⁸ “It is inscribed in the psyche, and it gives form and focus to our mental and emotional lives”. *Ibidem*, p. 49. Tradução minha.

³⁹ “We could hardly acquire a human identity outside it, just as we could hardly think or perceive outside language”. *Ibidem*, p. 50. Tradução minha.

das línguas em um sistema maior, que forma um todo de incompletude-completude.

O que se pode dizer numa língua pode não ser possível noutra, e o conjunto do que é possível ou não dizer varia necessariamente segundo cada língua e as relações entre as línguas. Além disso, todos estes fatores podem ter franjas ambíguas, partilhas movediças, diferindo nesta ou naquela matéria. Uma língua pode preencher tal função em tal matéria, uma outra noutra matéria.⁴⁰

Ao refletir sobre a identidade em exílio, Hoffman chega a conclusões similares às de Flusser no que diz respeito ao papel da cultura e da língua na formação do *eu*. Segundo Flusser, a condição do exílio judaico motivado pelo nazismo criou para si uma situação de “*Bodenlosigkeit* (falta de chão, de terra e de fundamento) [, que] abria-lhe a perspectiva de ser um nômade entre as diversas línguas e linguagens”⁴¹. Hoffman, por sua vez, notou que o “deslocamento real, a perda de todos os parâmetros internos e externos do que era familiar [...] não é uma questão de posicionamento psíquico intencional, mas de um forçoso arrancamento do material profundo do *self*”⁴². No original, Hoffman faz uso do vocábulo “*upheaval*” (aqui traduzido como “forçoso arrancamento”), de sentido próximo ao “*Bodenlosigkeit*”, que denota o desenraizamento do eu exilado.

O *deframing* (retirada do molde/moldura) de tudo que é familiar àquele ser que emigra, na visão de Eva Hoffman, pode ser uma separação relativamente frutífera, já que dá à pessoa exilada novas maneiras de observar e ver. A autora acredita que uma das compensações para a perda é um ponto de vista vantajoso em relação às culturas, já que questões pertencentes à cultura primeira tendem a passar despercebidas quando se permanece no país de origem a vida inteira. Flusser concordaria com Hoffman. Para ele, “os incontáveis milhões de migrantes (sejam trabalhadores estrangeiros, exilados, fugitivos ou intelectuais andando de seminário em seminário), nos reconhecemos não como excluídos [*Aussenseiters*], mas antes como vanguardas [*Vorposten*] do futuro”⁴³. Flusser não vê os migrantes como dignos de pena. Esses deslocados são modelos, pois a migração, além de ser um sofrimento, é uma ação criadora. Descobrir que aspectos aparentemente naturais e arraigados das nossas identidades e realidades sociais são construídos, no entanto, poderia gerar uma atitude

⁴⁰ Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Kafka: para uma literatura menor*, 2003, p. 52.

⁴¹ Márcio Seligmann-Silva, *Op. Cit.*, 2014, p. 224.

⁴² “Real dislocation, the loss of all familiar external and internal parameters [...] it is a matter not of willful psychic positioning, but an upheaval in the deep material of the self”. Eva Hoffman, *Op. Cit.*, 2000, p. 50. Tradução minha.

⁴³ Vilém Flusser, 1992, p. 249 *apud* Márcio Seligmann-Silva, *Op. Cit.*, 2014, p. 225.

relativista nos migrantes, Hoffman alerta. A consciência de que a construção de si é relativa à língua e a cultura é, ao mesmo tempo, terrível e libertadora. Simic elabora que

É terrível quando os sentimentos coletivos com os quais nascemos começam a parecer artificiais, quando começamos a suspeitar que o exílio é uma grande desgraça, mas também uma excelente oportunidade para fugir de tudo o que secretamente sempre detestamos nas pessoas com as quais crescemos.⁴⁴

Em *Língua e realidade* (1963), Flusser compreende que o amor à língua materna se revela como o último refúgio ante a relatividade da realidade, e explica em parte o poder irracional que o nacionalismo exerce sobre as mentes. O filósofo contrapõe a experiência de alteridade do poliglota ao senso de pertencimento do monoglota. Ele acredita que aquele que só fala “a língua da gente”, o monoglota, recusa-se a aceitar como equivalente o significado de uma outra língua, em repulsa sadia contra o relativismo ontológico proporcionado pelo poliglotismo. Já o poliglota, desenraizado, deve ser visto com suspeita, pois perdeu o fundamento firme da realidade que é outra coisa que não a “língua da gente”.

Sem chão, Vilém Flusser se via construindo pontes e saltando entre universos no processo de passagem de uma língua para outra. Sem considerar uma língua como sua língua principal e atribuindo a todas elas igual importância e relações “de intensidade comparável”⁴⁵, Flusser se via inserido no lugar do *entre-línguas* como pontífice. Guldin define o entre-lugar, o espaço do “*in-between*”, com referência à visão ambígua atribuída ao tradutor-traidor.

Se alguém sugere que o tradutor está posicionado no entre-lugar (*in-between*), essa pessoa está, entretanto, sugerindo que ele está também em algum outro lugar, que não é nem a língua nem um outro lugar, que ele não possui fidelidades políticas ou culturais. O tradutor está separado do espaço físico e cultural efetivo e da posição ideológica que ele deve ocupar.⁴⁶

Entretanto, Flusser dava à sua relação com as línguas contornos afetivos, demonstrando um engajamento com a realidade dos lugares onde “pairava”⁴⁷

⁴⁴ “It’s terrible when collective sentiments one is born with begin to seem artificial, when one starts to suspect that one’s exile is a great misfortune but also a terrific opportunity to get away from everything one has always secretly disliked about the people one grew up with”. Charles Simic, *Op. Cit.*, 2000, p. 128-129. Tradução minha.

⁴⁵ Vilém Flusser, *Op. Cit.*, 1970, p. 2.

⁴⁶ “It is inscribed in the psyche, and it gives form and focus to our mental and emotional lives. If one suggests that the translator is positioned in-between, one is, however, also suggesting that s/he is somehow elsewhere, neither in one language nor in the other, that s/he does not have any political or cultural allegiances. The translator is separated from the actual physical and cultural space and ideological position s/he is bound to occupy.” Rainer Guldin, *Translating philosophy: Vilém Flusser’s practice of multiple self-translation*, 2013, p. 54. Tradução minha.

⁴⁷ Vilém Flusser, *Pontificar*, 1990.

sem deitar raízes. Sem raízes (*Bodenlos*⁴⁸), e mantendo “relações ilícitas de amor e ódio com todas elas [as línguas]”⁴⁹, a ação criativa existia à medida que se cumpria o pensar, que no lugar de pontífice, era equivalente ao traduzir. Ser ponte, compondo o terceiro espaço, então, não era para ele simplesmente um “entre” vazio e neutro, mas um espaço de observação, reflexão e criação. Esse outro sistema, que inclui as duas ou mais línguas do processo criativo, não pode ser neutro já que “as línguas não são auto-contidas ou fechadas em si mesmas, como ilhas flutuando no mar, mas são sistemas abertos que se sobrepõem e constantemente interagem umas com as outras”⁵⁰. Sobre o ato tradutório no espaço intersticial, Guldin conclui que “durante o processo tradutório, o tradutor entra um terceiro sistema que engloba ou inclui os dois outros sistemas transcendidos”⁵¹.

Wilson acredita que a prática de escrita translinguística estabelece um processo dialógico entre a cultura de origem e a cultura anfitriã, que enfatiza o que é comum e o que é diferente nas duas culturas. Assim, o que é remoto se torna mais familiar, e a própria cultura é vista do lado de fora, permitindo um olhar crítico, por estar em um ângulo diferente. O que era comum se torna estrangeiro também. Edward Said, autor bilíngue posicionado entre a língua nativa e a língua estrangeira, afirma nunca ter se sentido em casa em nenhuma das línguas nas quais se comunicava:

Para piorar a situação, o árabe, minha língua nativa, e o inglês, minha língua escolar, estavam inextricavelmente misturados: nunca soube qual era minha primeira língua e não me senti totalmente à vontade em nenhuma delas, embora sonhe com ambas. Cada vez que falo uma frase em inglês, encontro-me ecoando em árabe e vice-versa.⁵²

O quanto sentimos que podemos habitar uma nova língua talvez tenha relação com o quanto hesitamos ou não em responder em língua estrangeira à pergunta “quem é você?” em um país diverso daquele onde nascemos. Autores autotradutores como Vilém Flusser, Charles Simic, Gloria Anzaldúa, Eva Hoffman e Edward Said buscam habitar a nova língua e a língua deixada em outra

⁴⁸ *Bodenlos: uma autobiografia filosófica* (2007) é o título da autobiografia de Vilém Flusser, publicada postumamente em alemão em 1992.

⁴⁹ Vilém Flusser, *Da língua portuguesa*, 1960.

⁵⁰ “[...] languages are not self-contained or closed in on themselves, islands floating in the sea, but are open systems that overlap and constantly interact with each other”. Rainer Guldin, *Translation, Self-translation, Retranslation: Exploring Vilém Flusser’s Multilingual Writing-Practice*, 2014, p. 55.

⁵¹ “During the translation process, the translator enters a third system encompassing or including the two other transcended systems”. *Ibidem*, p. 55. Tradução minha.

⁵² “To make matters worse, Arabic, my native language, and English, my school language, were inextricably mixed: I have never known which was my first language, and have felt fully at home in neither, although I dream in both. Every time I speak an English sentence, I find myself echoing in Arabic, and vice versa”. Edward Said, *Op. Cit.*, 2000, p. 96. Tradução minha.

margem nacional num espaço físico bidimensional: o papel. O texto é o espaço habitável para o autor em diáspora, exilado ou imigrante. Said cita Adorno para reiterar a importância do texto como lar para aquele que não sabe mais onde se encontra linguisticamente:

No seu texto, o escritor estabelece uma casa... Para um homem que já não tem pátria, a escrita se torna um lugar para viver... [No entanto] a exigência de que se endureça contra a autopiedade implica a necessidade técnica de contrariar qualquer afrouxamento de tensão intelectual com o máximo de alerta, e eliminar tudo o que tenha começado a incrustar o trabalho ou a flutuar ociosamente, o que pode numa fase anterior ter servido, como rumor, para gerar a atmosfera calorosa propícia ao crescimento, mas agora é deixado para trás, simples e velho. No final, o escritor não tem sequer permissão para viver na sua escrita.⁵³

O autor exilado ou imigrante escreve em busca de lar, mas Adorno não acredita que o texto seja um lar perene. A escrita oferece aos autores autotradutores como Vilém Flusser lares provisórios. Ali, o *eu* bilíngue ou multilíngue, partido ou reintegrado, se realiza linguisticamente num espaço de hospitalidade bidimensional momentânea.

⁵³ “In his text, the writer sets up house... For a man who no longer has a homeland, writing becomes a place to live... [Yet] the demand that one harden oneself against self-pity implies the technical necessity to counter any slackening of intellectual tension with the utmost alertness, and to eliminate anything that has begun to encrust the work or to drift along idly, which may at an earlier stage have served, as gossip, to generate the warm atmosphere conducive to growth, but is now left behind, flat and stale. In the end, the writer is not even allowed to live in his writing”. Theodor Adorno, 1951 *apud Ibidem*, p. 114. Tradução minha.

Referências

- ANZALDÚA, Gloria. Como domar uma língua selvagem. Trad. Joana Plaza Pinto, Karla Cristina dos Santos e Viviane Veras (revisão). *Cadernos de Letras da UFF*, Dossiê: Difusão da língua portuguesa, n. 39, 2009, p. 297-309.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: para uma literatura menor*. Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
- FINGER, Anke; GULDIN, Rainer; BERNARDO, Gustavo. *Vilém Flusser: An Introduction*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011.
- FLUSSER, Vilém. Da língua portuguesa. 1960.
- FLUSSER, Vilém. Retradução enquanto método de trabalho, 1970. Disponível em:
<https://www.flusserstudies.net/sites/www.flusserstudies.net/files/media/attachments/flusser-retraducao.pdf>. Acesso em: 05/10/2022.
- FLUSSER, Vilém. *Língua e realidade*. São Paulo: Annablume, 2007 [1963].
- FLUSSER, Vilém. Pilpul. In: FLUSSER, Vilém. *Jude Sein: Essays, Briefe, Fiktionen*. Mannheim: Bollmann, 1995 [1981 ou 1982], p. 143-153.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007.
- FLUSSER, Vilém. *Problemas linguísticos do judeu no Brasil*. Sem data.
- GULDIN, Rainer. Translating philosophy: Vilém Flusser's practice of multiple self-translation. In: CORDINGLEY, Anthony. (Org.). *Self-Translation - Brokering Originality in Hybrid Culture*. London: Bloomsbury Publishing. 2013, p. 95-109.
- GULDIN, Rainer. *Translation as Metaphor*. New York: Routledge, 2016.
- HOFFMAN, Eva. The new nomads. In: ACIMAN, Andre (ed). *Letters of transit*. The New Press: New York. 2000.

KRAUSE, Gustavo Bernardo. Prefácio. *In: FLUSSER, Vilém. Língua e Realidade*. São Paulo: Annablume, 2007.

MARTINS, Claudia Sant'Ana. *Vilém Flusser: a tradução na sociedade pós-histórica*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/D.8.2010.tde-08112010-165408.

MARTINS, Cláudia Sant'Ana. Vilém Flusser: a tradução como superação de fronteiras. *Cadernos de Literatura em Tradução, [S. l.]*, n. 17, p. 54–65, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/131844>.

MUKHERJEE, Bharati. Imagining homelands. *In: ACIMAN, Andre (ed). Letters of transit*. The New Press: New York. 2000.

SAID, Edward. No reconciliation allowed. *In: ACIMAN, Andre (ed). Letters of transit*. The New Press: New York. 2000.

SILVA, Márcio Seligmann-. Vilém Flusser: entre a tradução como criação de si e a pós-tradução. *Cadernos de Tradução, [S. l.]*, v. 1, n. esp., p. 223–234, 2014. DOI: 10.5007/2175-7968.2014v3nespp223. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v3nespp223>.

SIMIC, Charles, Refugees. *In: ACIMAN, Andre (ed). Letters of transit*. The New Press: New York. 2000.

WILSON, Rita. Between self-translation and the translation of the self. *In: WILSON, R; GERBER, Leah. (Eds). Creative constraints: Translation and authorship*. Clayton: Monash University Publishing, 2012. p. 47-66.